

# O centro nervoso

O comportamento discreto do presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, no segundo turno, não significa que esteja indiferente ao resultado da votação. Muito pelo contrário. O distanciamento, em alguns casos, foi apenas aparente.

Em pelo menos três estados — Rio, São Paulo e Minas —, o presidente sempre esteve interessadíssimo em influir e participar. Afinal, nesse centro nervoso da vida nacional, concentram-se dois terços do PIB, com os quais convém estabelecer a melhor das convivências. E Fernando Henrique está prestes a consegui-lo.

Se seus candidatos se elegerem — e são, segundo as pesquisas, os favoritos —, será o primeiro presidente da República, desde o regime militar, a desfrutar de tal privilégio. Desde a redemocratização, em 84, estabeleceu-se o duelo político entre o poder central e os núcleos de maior influência e riqueza do país. Sarney governou em confronto direto com o eixo Rio-São Paulo, onde sofria contestação dos governos estaduais, da sociedade civil organizada e do meio empresarial. No Rio, chegou a sofrer um atentado pela militância do PDT. A mídia e o empresariado paulista, por sua vez, impediram que executassem a principal obra de seu governo: a ferrovia Norte-Sul.

Seu sucessor, Fernando Collor, conseguiu neutralizar e, a seguir, reverter o oposicionismo do go-

vernador do Rio, Leonel Brizola, mas não superou a hostilidade da região a seu nome. O **impeachment** começou a ser semeado naquele eixo. Itamar, de todos, foi o menos maltratado, o que não significa que teve boa vida. Até a nomeação de Fernando Henrique para o Ministério da Fazenda, sofreu pressões consideráveis do eixo, sobretudo por parte de São Paulo.

Fernando Henrique tem, além das razões de praxe, outras, especiais, para necessitar de parceria mais sólida no Centro-Sul.

No Rio, a eleição de Marcello Alencar, do PSDB, tornará mais eficaz a presença federal no combate ao crime organizado. Por mais que o candidato do PDT, Anthony Garotinho, se disponha a colaborar, sabe-se que as resistências à presença das Forças Armadas no Rio partem exatamente de seu partido.

Em São Paulo, principal base do PSDB, a vitória de Mário Covas garante a expansão do partido e estabelece a hegemonia **tucana** no mais importante estado da Federação, onde estão também as bases mais expressivas dos principais adversários do presidente eleito: PT e PMDB. Em Minas, o quadro é menos dramático, na medida em que a eventual (e improvável) vitória do candidato que disputa com o PSDB, Hélio Costa, não criará propriamente um foco de contestação ao poder central.

15 NOV 1994

CORREIO BRAZILIENSE